

A PERCEPÇÃO DOS BISAVÔS SOBRE SEU PAPEL

Cristina Maria de Souza Brito Dias¹
Virginia Cavalcanti Pinto²

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar como bisavôs percebem seu papel no seio da família e se relacionam com os bisnetos. Participaram 21 bisavôs, com média de idade de 77 anos, que foram entrevistados em suas residências. Foram objetos de estudo: significado e sentimentos experimentados no papel; ajuda prestada à família; dificuldades sentidas no relacionamento com os bisnetos; avaliação do relacionamento com a família; atividades desenvolvidas e frequência do contato com os bisnetos; percepção das mudanças ao longo do tempo e significado de família. Pode-se constatar que o papel foi percebido de forma bastante positiva. Houve, por parte de alguns, dificuldades que podem ser atribuídas aos conflitos com os familiares, à distância geográfica e à difícil situação econômica.

Descritores: Bisavós; Quarta-geração; Interação familiar.

GREAT-GRANDFATHERS PERCEPTION OF ROLE PLAYED

ABSTRACT

The aim at this research was to investigate the perceptions and feelings in great-grandfathers about the role play of them as great-grandfathers and the relationship with their great-grandchildren. The interviewers were 21 great-grandfathers with age average 77 years. They were interviewed in their own residences. It were subject of this research: feelings and meaning about their role play one; supporting given to the family; difficulties regards to the relationship with the great-grandchildren; how they see the relationships with the family; activities realized with the great-grandchildren; frequency of contact with them; perception about the changes over time and family' meaning. The conclusion was that the role was seen as positive. They related difficulties regards to relationships familiar, geographic distance and poor economic situation by some of them.

Descriptors: Great-grandfathers; Fourth-generation; Family interaction.

LA PERCEPCION DE LOS BISABUELOS ACERCA DE SU PAPEL

RESUMEN

Lo objetivo de esta investigación fue explorar las opiniones y las sensaciones en los bisabuelos, sobre el papel que desempeñan y la relación con sus bisnetos. Participaron 21 bisabuelos, con 77 años como promedio de edad; fueron entrevistados en sus propias residencias. Los objetivos principales fueron: sensaciones y significado sobre su papel; ayuda a la familia; la relación con los bisnetos; cómo ven las relaciones con la familia; actividades desarrolladas y frecuencia de contactos con los bisnetos; percepción de los cambios observados y significado de la familia. Se pudo constatar que el papel fue percibido de forma bastante positiva. Por parte de algunos hubo dificultades que pueden ser atribuidas a los conflictos con familiares, distancia geográfica y la situación económica de algunos de ellos.

Descriptores: Bisabuelos; Cuarta generación; Interacción de la familia.

¹Mestrado e doutorado pela Universidade de Brasília – UnB – Brasília (DF), Brasil. Professora e pesquisadora da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP – Recife (PE), Brasil. Coordena o grupo de pesquisa *Família e Interação Social* da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP – Recife (PE), Brasil. E-mail: cristina_britodias@yahoo.com.br

²Mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP – Recife (PE), Brasil. Professora substituta da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – Recife (PE), Brasil. E-mail: giniapinto@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Sabemos que tem crescido em todo o mundo o contingente de idosos. Isto é decorrência da melhor qualidade de vida, das condições de saneamento, dos avanços tecnológicos e na saúde. Por outro lado, as mudanças sociais que afetaram a família como a participação da mulher no mercado de trabalho, os denominados novos arranjos familiares (outros tipos de família que não a tradicional família nuclear, intacta), bem como a gravidez na adolescência, a imaturidade, o uso de drogas ou mesmo as doenças nos pais têm requerido uma maior participação dos avós na vida dos netos.⁽¹⁾

Nesse cenário, é possível constatar a existência de três ou mais gerações de uma mesma família convivendo juntas. Decorre que, ao mesmo tempo, que isto é fonte de satisfação, orgulho e aprendizagem mútua, pode propiciar estresse e conflitos na família.⁽²⁾

No Brasil temos produzido e acompanhado a literatura enfocando os avós, que tem sido crescente; no entanto, ainda são escassos os estudos enfocando a quarta geração. Metade dos avós atuais pode vir a se tornar bisavós, o que justifica a necessidade de estudos sobre esta geração.⁽³⁾

Torna-se necessária a realização de pesquisas que visem à relação entre as gerações na família, uma vez que ainda carecemos de dados que possam auxiliar os estudiosos e os profissionais que lidam com a mesma. É inútil extrapolar o papel dos idosos do passado para o presente, visto que nem qualitativa, nem quantitativamente, eles se assemelham. Os avós do passado se assemelham aos pais da atualidade e os bisavós, por sua vez, se assemelham aos avós.⁽⁴⁾

Os bisavós expressam apreciação pelo interesse que a família demonstra por eles, mas não desejam responsabilizar-se pela criação dos bisnetos; o relacionamento com os bisnetos pode ser problemático, devido à grande diferença entre as gerações.

Especificamente duas pesquisas, realizadas com bisavós, constataram que o significado do papel foi, predominantemente, positivo para a maioria, tendo sido destacados três aspectos: renovação pessoal e familiar, marco de longevidade, diversão/prazer. As bisavós não encontraram muita diferença entre este papel e o de avós, embora haja um maior distanciamento entre elas e os bisnetos, devido a questões como a distância geográfica, a necessidade da mediação da segunda e terceira gerações, assim como os problemas físicos decorrentes da idade. O papel de bisavó foi considerado mais importante do ponto de vista simbólico e emocional, do que social e instrumental.^(3,5)

Em uma pesquisa realizada, foram entrevistadas 19 mulheres com idades entre 66 e 92 anos e média de 82 anos; 13 moravam em uma comunidade para idosos e seis moravam em suas próprias casas. Elas assinalaram que as visitas eram a forma que tinham de conhecer e acompanhar os bisnetos, o que lhes dava a oportunidade de brincar e trocar afeto com eles. As institucionalizadas mostraram maior insatisfação com a frequência e pequena duração das visitas, mas, por outro lado, algumas frisaram que muitas horas em contato com os bisnetos as desgastavam. Uma responsabilidade, que elas levavam a sério, era presentear os bisnetos nos aniversários e nas férias. Não tinham grandes expectativas acerca dos familiares, a não ser ter sempre notícias deles e serem respeitadas. O papel foi visto com um misto de alegria e de tristeza: alegria porque o nascimento de bisnetos era sinal de sucesso e vitalidade da família,

mas, por outro lado, tristeza porque ele é sinal de sua idade avançada e finitude.⁽³⁾

Outra pesquisa focalizou 35 mulheres e cinco homens, com idades entre os 71 aos 90 anos e média de 80, que foram entrevistados em suas residências ou em um centro de atendimento a idosos. Foi constatado que os bisavós mais jovens e provenientes de famílias mais unidas adotaram um estilo mais *próximo* aos bisnetos, isso se caracterizou por maior frequência de visitas, saídas para compras ou viagens juntos, assim como participação em momentos de esporte e lazer. Dos entrevistados 65,0%, adotaram o estilo *remoto/distante* no relacionamento com os bisnetos. Apesar disto, os bisavós pareciam gozar de um status especial na família. Constatou-se também que, embora os bisavós tenham enfrentado crises em suas famílias, eles se adaptaram às novas circunstâncias e procuraram ajudar no que fosse possível.⁽⁵⁾

Neste sentido, houve o interesse na realização da presente pesquisa que visa a conhecer como os bisavós percebem e experienciam este papel. Acredita-se que os dados obtidos na pesquisa possam subsidiar o trabalho de profissionais que lidam com idosos e com famílias.

MÉTODO

Participantes

Foram investigados 21 bisavós, na faixa etária entre os 66 aos 97 anos, com média de idade de 77 anos. Quanto ao estado civil, ficou assim distribuído: 15 casados, quatro viúvos e dois separados. A maioria gozava de boa saúde e vivia em suas próprias casas, com exceção de três que viviam em instituições de longa permanência.

O nível de escolaridade foi o seguinte: oito analfabetos; sete possuíam o primário (completo ou incompleto); um tinha o curso ginásial; dois concluíram o segundo grau e dois tinham curso superior. Houve um que disse ter aprendido com o pai "o suficiente" e depois com a vida.

Quanto à religião que professaram tivemos: 13 católicos, quatro evangélicos, três espíritas e um que acreditava em Deus.

A quantidade de filhos variou entre um e 32, sendo a média de seis. Alguns não sabiam a quantidade exata de netos e bisnetos. No entanto, para os que lembravam, a quantidade de netos variou entre dois e 54, enquanto os bisnetos variaram de um a 12.

Instrumento

Foi utilizada uma entrevista semi-estruturada composta de questões que atendiam aos objetivos da pesquisa e dos dados sócio-demográficos dos participantes. As questões procuraram investigar: 1) o significado do papel; 2) os sentimentos experimentados; 3) as diferenças percebidas entre ser pai e avô, bem como entre ser avô e bisavó; 4) a ajuda prestada à família e ao bisneto; 5) as dificuldades percebidas no relacionamento com os bisnetos; 6) a avaliação do relacionamento estabelecido com a família; 7) as atividades realizadas com os bisnetos; 8) a frequência de contato; 9) a percepção das mudanças ocorridas ao longo do tempo; 10) o significado de família.

Procedimento de coleta de dados

Os bisavós foram procurados em grupos de encontro de idosos e foi comum a indicação de amigos por parte dos próprios participantes. Eles foram entrevistados individualmente, após um contato inicial em que foi solicitada sua participação, explicado o objetivo da pesquisa e agendado o horário. As entrevistas tiveram

uma duração média de uma hora, foram gravadas e, em seguida, transcritas. A maioria dos bisavôs foi entrevistada em sua própria casa. Vale notar que este estudo obedeceu as normas da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que trata de pesquisas envolvendo seres humanos e teve o projeto de pesquisa previamente aprovado pelo Comitê Científico da Universidade Católica de Pernambuco.

Procedimento de análise dos dados

As entrevistas foram analisadas através da técnica de Análise Temática que consiste “em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”.^(6:99) Dessa forma, foram levantados os temas predominantes nas falas dos participantes e analisados com base na literatura consultada.

RESULTADOS

O significado do papel

Neste aspecto, quatro bisavôs referiram que o papel significava ter vivido e construído muito, enquanto dois referiram-se à continuidade e ao aumento da família, bem como ao fato de serem pai três vezes:

Percebo como continuação da minha vida porque acho que o indivíduo não morre, ele deixa seu semelhante, por isso meus filhos, netos e bisnetos representam minha imagem. (Bisavô de 89 anos).

Para mim é de paternidade três vezes. Quando vejo minha bisneta, sinto o amor renascer para a família, sinto uma continuidade de minha vida. (Bisavô de 80 anos).

Em menor escala apareceram que o papel significava fazer o que os bisnetos querem, na medida do possível, preocupação e amor pelos bisnetos e agradecimento a Deus por ter vivido e trabalhado tanto. Duas falas exprimem a profundidade de sentimento que se pode experimentar no papel:

Não sei direito, mas a sensação que tenho é como a do nascimento do primeiro filho, sendo algo mais forte. (Bisavô de 66 anos).

Tenho muito sentimento por ela, cuidado e preocupação. Às vezes perco o sono por me sentir preocupado com ela porque é muito pequena. (Bisavô de 78 anos).

Os sentimentos experimentados

Os sentimentos preponderantes foram os de alegria, satisfação e orgulho por terem vivido tanto e pela continuidade da família. Uma fala exprime bem esta satisfação:

Eu fico muito feliz porque é gratificante ser pai, o neto é o filho com açúcar e com o bisneto a satisfação é ainda maior. (Bisavô de 70 anos “bem vividos”).

Eu sinto felicidade, especialmente quando todos se reúnem e eu vejo toda a minha família, a que eu construí. (Bisavô de 79 anos).

Um bisavô salientou a preocupação por não poder dar o que os bisnetos precisam e pelo despreparo dos pais:

Meus sentimentos não são bons. Meus dois bisnetos vieram ao mundo por despreparo dos pais. Então hoje eles não têm uma vida muito confortável, como eu gostaria que tivessem, por isso fico preocupado. Ser bisavô assim é ruim porque eu não posso dar sempre o que eles precisam. (Bisavô de 79 anos).

Um bisavô já antevê e deseja se tornar tataravô:

Eu estou doído para me tornar tataravô porque minha bisneta de 14 anos já botou o material dela para funcionar. Tenho orgulho de todos eles e de minha idade. (Bisavô de 82 anos).

Pudemos notar na entrevista com os bisavôs institucionalizados uma certa tristeza ocasionada pelo afastamento dos familiares, como exemplifica este posicionamento:

Eu sinto muita alegria e tristeza porque eu não conheço nem os netos nem os bisnetos. Às vezes, eu falo com meu filho por telefone e ele coloca as crianças para falarem comigo, mas meu filho não tem tempo de vir aqui por que ele é pastor e construtor em São Paulo. (Bisavô de 72 anos).

As diferenças percebidas entre ser pai e avô, bem como entre ser avô e bisavô

Nesta dimensão, embora 13 não tenham assinalado diferenças marcantes entre os papéis de pai e avô, quatro apontaram que o pai tem mais responsabilidade e que se deve respeitá-lo:

Ser pai e ser avô é um pouco diferente porque com o filho é a palavra do pai que orienta o tempo todo. Com o neto não se pode tomar sempre a frente para não passar por cima do pai da criança. Mas ser pai e avô é ter mais responsabilidade. É estar sempre atento aos filhos e netos para que eles possam se conduzir bem na vida e não se envolvam com o que não presta. Este papel nunca passa e eu devo fazer muito ainda. (Bisavô de 74 anos).

Houve um bisavô que foi de opinião que o avô é mais que o pai porque tem que ser mais considerado. (Bisavô de 74 anos).

Já os limites entre os papéis de avô e bisavô são menos nítidos, dado que a maioria disse não haver diferença entre eles. Um bisavô alegou a idade para o afastamento e limita-se a orar pelos bisnetos:

Não tem muita diferença, mas quando se é avô e bisavô o velho fica mais distante por causa da idade e cumpre seu papel de oração pelos familiares queridos. (Bisavô de 82 anos).

Outro bisavô referiu-se ao cansaço:

Não tem muita diferença entre ser avô e bisavô, porque se deixa a carga de nossos netos, os pais da criança, porque a essa altura da vida me sinto muito cansado. (Bisavô de 74 anos).

A ajuda prestada à família e aos bisnetos

A maioria dos bisavôs afirmou que ajuda os familiares, tanto em termos financeiros como emocionais ou afetivos (conselhos, conversas):

Eu presto ajuda monetária ao meu neto mais velho, a minha nora e pago a universidade da minha outra neta. Eu também dou conselhos. (Bisavô de 80 anos).

Cinco dos entrevistados disseram não ajudar diretamente os bisnetos, mas sim através dos netos:

Eu dou uma assistência mais sentimental aos meus bisnetos, mas também ajudo de forma indireta. Um dos meus netos mora na parte de trás de minha casa, com a esposa e minhas duas bisnetas que me chamam de vovô. (Bisavô de 84 anos).

Outros três frisaram que não ajudam porque eles têm os avós que lhes prestam assistência. Houve ainda seis que quem disse não ajudar ou só quando precisam.

Acerca da forma como esta ajuda é recebida, a maioria disse que os familiares a recebem muito bem alegando que os respeitam, não são malcriados, sendo a convivência muito boa. Alguns frisaram que seus conselhos, às vezes, não são bem recebidos, mas a chateação logo passa.

Um bisavô disse que sua opinião não vale muito para os familiares.

As dificuldades percebidas no relacionamento com os bisnetos

Neste aspecto, a maioria dos bisavôs não apontou dificuldades no relacionamento com os bisnetos, dado a sua pouca idade, e cinco ressaltaram a distância como um impedimento para um maior contato com

eles. Um bisavô salientou as desavenças familiares e outro, o fato de estar preso a uma cadeira de rodas e depender dos outros.

Pode-se perceber, nos bisavôs institucionalizados, uma maior dificuldade no relacionamento com os bisnetos dada à ausência ou pouca frequência de visitas:

Eles quase nunca vêm aqui, então eu não posso conhecê-los bem. São crianças, mas eu não sei nem o nome. (Bisavô de 97 anos).

A avaliação do relacionamento estabelecido com a família

A maioria dos bisavôs ressaltou ter um bom relacionamento com os familiares adotando expressões como *a gente se entende, somos unidos, maravilhoso*.

Eu sou pai, avô, bisavô e amigo. Eles sabem que podem sempre contar comigo. (Bisavô de 78 anos).

No entanto, três bisavôs relataram dificuldades: ter uma filha bastante rebelde; ter um relacionamento superficial; ter um relacionamento próximo com uns e distante com outros:

Meu relacionamento com os que eu tenho aproximação é bom, mas eu não tenho contato com todos os meus filhos e netos. Por isso não posso dizer por que simplesmente não nos vemos e não é porque temos desafetos, é porque o curso da vida foi fazendo cada um tomar seu caminho. (Bisavô de 74 anos).

Algumas coisas são difíceis. Eu já estou velho e acho que o que é certo é certo e o que é errado, é errado. Deus sabe que se fosse responder a tudo que acho errado, eu hoje não estaria aqui, estaria preso. (Bisavô de 88 anos).

Essa dimensão terminou por atingir a questão da autoridade dos bisavôs. Nesse sentido, 13 abriram mão de a exercerem, porque já estão cansados, porque os filhos já estão crescidos e não precisam, ou porque os descendentes não os escutam:

Ninguém mais me escuta. (Bisavô de 88 anos).

Todo mundo já é de maior para eu estar me preocupando. Eles é que se preocupam comigo porque adoro festas (Bisavô de 82 anos).

Há alguns que delegaram à esposa o exercício da autoridade: *a minha mulher é quem toma à frente*. (Bisavô de 78 anos).

Há ainda os que fazem questão de manter a autoridade na família:

Exerço autoridade sim e não quero perder. Por isso nem sempre sou bem recebido, mas eu sou assim porque acho necessário. (Bisavô de 68 anos).

Dou umas chamadas quando necessário. (Bisavô de 70 anos, “bem vividos”).

Eu me dou bem com todo mundo, mas o que eu digo tá escrito. (Bisavô de 79 anos).

Atividades realizadas com os bisnetos

Neste aspecto, a maioria dos bisavôs afirmou não desenvolver atividade com os bisnetos alegando o próprio cansaço ou o fato dos bisnetos serem ainda muito novos.

Eu nem brinco com eles, mas é porque eu não agüento mais. Eu trabalhei muito e, apesar de não ter doenças sérias e resolver sozinho minhas coisas, o meu corpo já está cansado. Eu apenas levo e pego os dois na escola. (Bisavô de 74 anos).

Outros disseram estar prontos para o que precisarem. Quatro bisavôs levam e buscam os bisnetos na escola; dois conversam, brincam e jogam com os bisnetos, enquanto outro gosta de ir ao bar com os mais velhos.

Um bisavô deixou transparecer como se deixa dominar pela bisneta:

Eu brinco muito com ela. Eu não gosto muito de passear com ela porque ela me leva sempre na brincadeira e acaba conseguindo o que quer de mim. Ela

é muito esperta e está ficando cada vez mais impossível. (Bisavô de 78 anos).

A frequência de contato

Nesta dimensão a maioria dos bisavôs referiu ter um contato intenso com os netos e bisnetos porque vivem próximos:

Vejo-os com boa frequência, pois, eles adoram passar o fim de semana no meu sítio e quando eles vêm é uma festa. (Bisavô de 73 anos).

Quase todo dia quando eu não os vejo eles vêm a minha casa, por isso ela parece uma delegacia, vive cheia. (Bisavô de 79 anos).

Houve ainda aqueles que se referiram à distância geográfica como motivo do afastamento, como também os conflitos familiares. Um bisavô assim se expressou:

A dificuldade é a distância porque ela mora em Arapiraca e não os vemos sempre. Mas, mesmo assim é bom porque quando estamos juntos é como ter os céus abertos. (Bisavô de 80 anos).

Essa dimensão remeteu à preferência por algum dos descendentes. Foi comum a constatação de que embora a maioria negue, outros admitem abertamente a preferência por algum(a) filho(a), que termina também por acontecer com um(a) neto(a) em particular:

Tenho preferência pela filha de minha preferida. Não escondo de ninguém, mas não quer dizer que não goste dos outros. Mas tenho um neto que não entende e morre de ciúmes. (Bisavô de 79 anos).

O filho do meu filho que é o mais apegado é muito carinhoso comigo, então a gente tem um carinho diferente. (Bisavô de 68 anos).

Às vezes, o próprio descendente conquista o seu lugar junto ao avô:

Tenho uma neta que me paparica muito. (Bisavô de 82 anos).

Tem um neto que não desgruda da gente, parece um carrapato. (Bisavô de 80 anos).

Em relação aos bisnetos, a preferência não ficou clara porque moram longe, porque são novinhos ainda e, em alguns casos, são únicos.

A percepção das mudanças ocorridas ao longo do tempo

Acerca desta questão, a maioria revelou aceitar bem as mudanças que ocorreram na vida de sua família adotando expressões como *aceito da forma como Deus quer*. Outros viram as mudanças como evolução do próprio tempo e como aprendizado.

Alguns frisaram as diferenças ocorridas na sociedade:

Percebo como evolução do próprio tempo. Quando me casei, o tempo era bem diferente das coisas que acontecem hoje e eu estranho um pouco. Por exemplo, no meu tempo, o rapaz era que ia na casa da moça para pedir-lhe em casamento; hoje as pessoas se conhecem, moram juntas e têm filhos, para depois se casarem. Acho que essa é uma evolução errada. Por essa razão, a família está sendo torpedeada, sacrificada pelos novos valores que são, ao meu ver, inconsistentes. (Bisavô de 80 anos).

Da forma como Deus quer, tem que aceitar. O que se tem que ter é amor. A melhor coisa do mundo é casar e ficar junto, pois a mão da mulher fica embaixo da mão do homem. Hoje em dia não se tem mais amor e os homens não são como antes. Hoje eles usam brinco e não querem nem saber. (Bisavô de 88 anos).

Houve dois bisavôs que referiram que, se pudessem, não teria havido mudanças e outro disse só contar tristezas:

Pelo meu gosto não tinha acontecido nenhuma mudança na minha família, começando pela minha separação, porque casamento é para toda a vida. Depois

da minha separação, a família desandou e tudo ficou mais complicado. (Bisavô de 74 anos).

Um bisavô assinalou que sua vida está melhor agora:

Teve uma parte que não foi bom. Trabalhei muito na minha vida sem ter direito a um lazer. Antes da minha velhice, minha vida foi só aperreio e sacrifício. Hoje em dia, tenho minha aposentadoria e não passo necessidade. A mudança em minha vida demorou, mas chegou. (Bisavô de 73 anos).

A fala de um bisavô exemplifica a alegria de viver que pode ocorrer nessa fase da vida:

Acho que o que passou, passou e a vida deve continuar com muita atividade, a gente tem é que se mexer diante do mundo. Eu mesmo, todo mundo gosta de mim porque adoro piada, danço que é uma beleza, duvido eu perder um desafio de dança, eu me visto de Papai Noel no Natal, eu faço tudo. (Bisavô de 82 anos).

O significado da família

A maioria dos bisavós teve uma percepção bastante positiva da família dizendo que *ela é tudo, é o galho em que você segura, o maior bem, sem ela eu não seria nada.*

A família é a célula mater da sociedade. Sem ela, o mundo seria um caos. (Bisavô de 80 anos).

É uma coisa maravilhosa, por isso não me arrependo de ter casado aos 16 anos, pois estamos juntos até hoje com uma família muito bonita. (Bisavô de 73 anos).

Dois bisavós, no entanto, disseram que *família é bom quando se tem união e respeito* e que *ela só tem sentido quando uns ajudam os outros*. Com isto deixaram transparecer alguma dificuldade com a própria família. Outro bisavô explicitou seu desentendimento com a nora, que, inclusive, foi quem o colocou na instituição.

DISCUSSÃO

Acerca do *significado do papel e dos sentimentos experimentados*, houve unanimidade na expressão de sentimentos positivos, destacando-se a longevidade e o prazer, bem como os sentimentos de alegria e orgulho, os quais corroboram os resultados das outras pesquisas realizadas.^(3,5) Em duas pesquisas realizadas no Brasil, com avós de ambos os sexos, este papel também foi visto de forma bastante positiva^(1,6).

No que se refere às *diferenças entre os papéis de pai e avó*, alguns bisavós assinalaram que devem existir limites entre os dois, cabendo mais ao pai a responsabilidade pela criação. Isto não significa, no entanto, que eles não dêem sua contribuição. Fazendo uma relação com pesquisa anterior realizada com 62 avós (32 mulheres e 30 homens), as mulheres assinalaram que “os avós têm mais paciência com os netos do que com os filhos”, enquanto os homens destacaram que “os avós têm menos responsabilidade que os pais”.⁽⁸⁾ Quanto aos *papéis de avó e bisavô*, quase todos disseram não haver diferenças entre ambos, o que condiz com os resultados encontrados.⁽³⁾

No que se refere à *ajuda que os bisavós prestam à família*, alguns destacaram a ajuda econômica, dentro de suas possibilidades, sobressaindo-se, no entanto, a ajuda de tipo emocional. Existem dois tipos de ajuda que avós e netos podem prestar uns aos outros: a *expressiva ou emocional* (dar afeto, atenção, conselhos, telefonar, escrever, apoiar) e a *instrumental ou de serviços* (fazer coisas, ajudar financeiramente, levar ao médico).⁽⁹⁾

Alguns bisavós reconhecem as limitações físicas que dificultam um maior contato com os bisnetos e os impedem de fazer coisas por eles. Por isso vários referiram as orações, as conversas e os conselhos como formas de ajudar à família. O aspecto da

religiosidade, que esteve presente em algumas entrevistas, corrobora a pesquisa, com indivíduos adultos. Um aumento de religiosidade com a idade foi atribuído ao amadurecimento pessoal. Surge um questionamento: será que o aumento da religiosidade não seria uma forma de lidar com o estresse ligado às pressões objetivas e subjetivas ocasionadas pela velhice?⁽¹⁰⁾

No que tange à *percepção do relacionamento com os familiares*, a maioria dos bisavós referiu ter um bom relacionamento, mas podemos perceber, em algumas entrevistas, que existem as especificidades de cada relacionamento, as alianças e as preferências existentes de ambas as partes. De uma maneira geral, eles parecem satisfeitos com as famílias que construíram, embora entre os três institucionalizados tenha havido mais queixas no que se refere aos conflitos e distanciamento dos familiares.

As *atividades* são os meios pelos quais avós e netos mantêm intercâmbios. Elas servem como veículo de expressão de afetividade, agindo de uma forma que um toma conhecimentos sobre o outro.⁽¹¹⁾ Além das limitações por conta da idade, os bisavós assinalaram a distância geográfica e a pouca idade dos bisnetos como fatores dificultadores de uma maior aproximação. Apesar disto, alguns realizam atividades e se fazem presentes na vida dos bisnetos.

Em decorrência do que foi exposto, a *frequência de contato* com os bisnetos ficou prejudicada para alguns, especialmente entre os institucionalizados.

Acerca da *percepção das mudanças ocorridas ao longo do tempo*, constatou-se como os bisavós enfrentaram com resignação e, até mesmo, com sabedoria e bom-humor, os obstáculos enfrentados. Através de suas falas pôde-se perceber que alguns vivenciaram perdas (da esposa, filhos e até neto), situação econômica difícil, separações (sua e de filhos), assim como mágoa pela institucionalização e pelo abandono, entre outras situações, mas mesmo assim eles as enfrentaram sabiamente.

Alguns fizeram críticas ao momento atual, o que pode ser entendido como uma forma de manterem estável seu meio vital adotando esta tendência ao conservadorismo.⁽¹²⁾ Em geral, apesar das críticas, pode-se dizer que eles se adaptaram bem às mudanças. Este achado vem corroborar o pensamento de estudiosos da gerontologia que afirmam ser esta uma etapa do processo adaptativo do indivíduo, ao contrário de outros que a vêem como uma fase de perdas e de crise de identidade.⁽¹³⁾ Outros resultados⁽⁵⁾ encontraram uma boa adaptação às mudanças, por parte dos bisavós.

Finalmente, acerca do *significado da família*, para a maioria, corroborando o que eles disseram acerca do relacionamento com os familiares, o significado foi positivo. Esta conclusão também foi levantada em outro estudo⁽³⁾ ao afirmar que os laços fortes desenvolvidos nas famílias de origem continuam a ser o ponto de referência para os bisavós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, os bisavós viram com bastante satisfação e alegria a chegada dos bisnetos, o que é motivo de orgulho, plenitude e sentimento de continuidade. Embora alguns tenham deixado transparecer mágoas e conflitos com os familiares, a maioria mostrou-se satisfeita com a família que construiu.

Ao contrário do que se apregoa acerca do pouco envolvimento dos homens na família, constatamos a dedicação e a preocupação com o bem-estar de todos, bem como a disponibilidade para ajudar por parte dos

entrevistados. Talvez isso se dê em decorrência do amadurecimento trazido pela idade, bem como uma forma de resgatar seu lugar na família, que pode ter sido dificultado no início do casamento, dado o envolvimento com a vida profissional. Agora, mais experientes e aposentados, eles se voltam para a família que representa a maior fonte de apoio e gratificação.

Algumas categorias apontadas na literatura como mediadoras das relações entre as gerações se sobressaíram, como é o caso da necessidade da mediação dos pais e dos netos para uma maior aproximação dos bisavós com os bisnetos. A idade, o estado de saúde, a distância geográfica e a própria personalidade dos envolvidos também apareceram como elementos dificultadores.

Devido à pequena quantidade de participantes, não se tem a pretensão de generalizar os dados obtidos na pesquisa. Também é importante salientar que se trata de um grupo proveniente da região nordestina e que achados diferentes poderão ser encontrados em pesquisas realizadas em outras regiões. De todo modo, dada a carência de estudos sobre a geração dos bisavós, acreditamos na contribuição desse estudo e que seus resultados possam impulsionar outras pesquisas e fornecer embasamento para o trabalho de profissionais que lidam com famílias e com idosos.

REFERÊNCIAS

1. Dias CMSB, Silva DV. Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In: Feres-Carneiro T. (org). Casal e família, entre a tradição e a transformação. Rio de Janeiro: Nau; 1999. p. 118-149
2. Falcão DVS, Dias CMSB, Bucher-Maluschke JSNF, Salomão NMR. As relações familiares entre as gerações: possibilidades e desafios. In: Falcão DVS, Dias CMSB. (Orgs). Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas; São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006. p. 59-80.
3. Wentowski GJ. Older women's perceptions of great-grandmotherhood; a research note. *The Gerontologist*. 1985; 25 (6):593-596.
4. Moragas R. Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas; 1997.
5. Doka KJ, Mertz ME. The meaning and significance of great-grandparenthood. *The Gerontologist*. 1988; 28(2):192-197.
6. Minayo MC. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8ª ed. São Paulo: Hucitec; 2004.
7. Dias CMSB. A importância dos avós no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 1994; 10(1):31-40.
8. Silva NP, Dias CMSB. Avós e avós: percepção do papel. *Rev Symp Nova Fase*. 1999; 3:51-67.
9. Langer, N. Grandparents and adult grandchildren: what do they do for one another? *Intern J of Aging and Human Develop*. 1990; 31(2): 101-110.
10. Goldstein LL, Néri AL. Tudo bem, graças a Deus. Religiosidade e satisfação na maturidade e na velhice. In: Néri AL. (Org). Qualidade de vida e idade madura. Campinas: Papirus; 1993. p.109-136.
11. Kennedy, G. Shared activities of grandparents and grandchildren. *Psychol Reports*. 1992; 70: 211-227.
12. Léger J M, Tessier JE, Mouty MD. Psicopatologia do envelhecimento: assistência ao idoso. Rio de Janeiro: Vozes; 1994.
13. Oliveira EA, Pasian SR, Jacquemin A. A vivência afetiva em idosos. *Psicologia, Ciência e Profissão* 2001; 21(1):68-83.

Recebido em: 25/08/2007

Aceito em: 12/09/2007

Publicado em: 01/10/2007

Endereço para correspondência:

Cristina Maria de Souza Brito Dias
Rua: Conselheiro Portela, 130 A – Ap. 201
Espinheiro – Recife (PE) – Brasil
CEP: 52.020-030